

Exercícios Espirituais adaptados ao discernimento em comum¹

Franck Janin, SJ
José de Pablo, SJ



Franck Janin é padre Jesuíta, Presidente da Conferência Europeia de Provinciais Jesuítas (JCEP), Bruxelas, e membro da equipe de ESDAC.



José de Pablo é padre Jesuíta, Sócio do Presidente da JCEP, Bruxelas, e membro da equipe de ESDAC.

1. Este artigo foi publicado originalmente em *Manresa* 90 (2018) 63-72. Nós o publicamos com autorização de José de Pablo.

Toda adaptação dos Exercícios Espirituais à prática do discernimento em comum tem em suas raízes dois pressupostos básicos. Primeiro, da mesma maneira que Deus guia a uma pessoa, pode guiar a um grupo de pessoas; e o segundo, o Espírito Santo se dá a todos e atua nos corações de todos. A proposta metodológica desenvolvida pelo ESDAC (*Exercices Spirituels pour un Discernement Apostolique en Commun*) coincide nestes pressupostos para grupos que, especificamente, têm em comum um projeto, um propósito, um objetivo para os que buscam encontrar a vontade de Deus. Depois de um processo de amadurecimento de quase cinquenta anos de experiência, a proposta de ESDAC se entende a si mesma como uma mais entre outras possíveis. Veremos aqui um pouco de sua história e as duas chaves de sua pedagogia para o discernimento a partir dos Exercícios Espirituais: a conversação espiritual e os modos de eleição.

Um grupo, como um só corpo, isto é, como uma pessoa corporativa, pode entender-se como um sujeito de oração e discernimento, como qualquer exercitante que se mobiliza, buscando com indiferença as luzes que iluminam o caminho pelo qual Deus quer conduzi-lo. Podemos ampliar este primeiro pressuposto, recordando que o grupo também é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus Nosso Senhor [EE 23]. Como pessoa corporativa, também passa por experiências de graça e de pecado. Em sua vida como grupo, tem momentos de consolação e desolação, recebe chamados e faz eleições. Em conjunto, pode reconhecer períodos de vida, de morte e de ressurreição. Em seu processo de discernimento, o grupo é uma pessoa corporativa, corpo de Cristo (1Cor 12,27).

Afirmar que a presença do Espírito Santo deu-se a todos por igual pode parecer uma coisa óbvia, mas com muita frequência

sentimos que se deu mais a uns do que a outros. Inclusive em primeira pessoa: que se deu a mim mais que a outros. Porém, na proposta de ESDAC não há *gurus*, nem *visionários*; todo o acompanhamento se faz em equipe. A figura do *diretor* que dá os Exercícios é, neste caso, uma equipe, que parte do princípio de que o Espírito Santo está ativo em cada um dos membros do grupo. Portanto, é crucial escutar a todos e dar espaço a cada um para que possa contribuir com o conjunto. É por meio da escuta ativa da ação do Espírito em cada membro do grupo que se pode entender como ele habita e conduz ao grupo como um todo. Trata-se de encontrar juntos a Sabedoria de Deus que é um Espírito “inteligente, santo, único, multiforme, sutil, ágil, perspicaz, sem mancha, lúcido, invulnerável, amigo do bem, agudo...” (Sab 7,22).

Um itinerário grupal

As raízes de ESDAC encontram-se na instituição de um grupo de jesuítas canadenses e norte-americanos, que junto com uma equipe de colaboradores compreenderam que tanto a pedagogia, a arquitetura e a dinâmica dos Exercícios Espirituais poderiam ser aplicados aos grupos. A equipe denominou-se *Ignatian Spiritual Exercises for the Corporate Person* (ISECP). Seu trabalho começou nos anos 70, na sequência da Congregação Geral 32 da Companhia de Jesus, na qual tinha crescido a compreensão e a consciência daquelas que denominamos estruturas de graça e de pecado. Por exemplo, o alcance do termo “pecado” como pecado estrutural ampliava o sentido pessoal para estender-se às formas de organização e de estruturas que surgiam dos grupos humanos e das sociedades. Da mesma maneira, os grupos poderiam experimentar que a graça antecede ao pecado e pode vencê-lo. Diante de tais intuições, o grupo ISECP começou a reunir-se regularmente em Wernersville (Pennsylvania) para desenvolver os meios de estendê-las a um grupo de Exercícios Espirituais.

Durante dez anos, estas reuniões geraram materiais seguindo os Exercícios Espirituais para ajudar a grupos que manifestavam desejos de discernir e tomar decisões em comum. Neste nível, o trabalho do grupo inicial na América do Norte foi muito interessante. Muitos outros escreveram sobre o discernimento em comum. Sobre sua necessidade, relevância, dificuldades e objetivos. Mas, de fato, poucos autores desenvolveram uma pedagogia concreta e prática. Este

grupo, pelo contrário, esforçou-se por desenvolver procedimentos que tratam de concretizar ao máximo possível as condições para o discernimento. Por exemplo, inclusive detalhando como e por que sentar-se em círculo, significando assim a equidistância do Centro do grupo, que é Cristo. E também introduzindo elementos culturais dos primeiros moradores do Canadá, que, sentados em círculo, em suas assembleias, passavam entre si uma pena de águia para expressar quem teria o uso da palavra e a quem os demais deveriam escutar. Esta pena permaneceu na tradição de ESDAC e hoje é o símbolo e a logo da equipe.

2. ISECP GROUP (James Borbely SJ, Marita Carew, John English SJ, John Haley, Judith Roemer, George Schemel SJ), *Focusing Group Energies. Common Ground for Leadership, Organization, Spirituality*, University of Scranton, Scranton, Pennsylvania 1987.

3. M. BACQ, J. CHARLIER, ET LE EQUIPE ESDAC. *Pratique de discernement en commun. Manuel des accompagnateurs*. Fidélité, Bruxelas 1994.

Em 1987, o ISECP publicou o livro *Focusing Group Energies*² e, pouco depois, os jesuítas do sul da Bélgica trouxeram esta pedagogia para a Europa. Depois de um período de testes e de adaptação, a equipe do ESDAC começa a propor seu método para ajudar as Comunidades de Vida Cristã (CVX) a discernir sobre o seu futuro. Esta experiência da Bélgica produziu em 1994 o primeiro livro de ESDAC³.

O enfoque de ambas as publicações é essencialmente prático e segue o esquema das quatro semanas dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio. Assim, o convite aos participantes nesta modalidade de discernimento em comum consiste em percorrer as mesmas meditações e contemplações dos Exercícios, adaptadas ao tempo que precisem dedicar à sua matéria de eleição. O modo e a ordem dos Exercícios para o grupo estarão sempre em função da importância que os membros do grupo desejem dar à matéria da eleição e à disponibilidade de seus integrantes. Nos retiros de ESDAC, alternam-se os encontros plenários e os pequenos grupos, dependendo do número de participantes, e são fundamentais os tempos de oração pessoal. Os pressupostos básicos citados acima tomam corpo na conversação espiritual, que é a ferramenta básica do discernimento em comum.

A conversação espiritual

A conversação espiritual é aquele diálogo do grupo, no qual se trata de prestar atenção aos movimentos dos espíritos em cada participante e no grupo. O sentido de “espiritual” não é que só se fala de assuntos espirituais (oração, liturgia, sacramentos, bíblia etc.). Conversar espiritualmente é uma forma de falar juntos, tentando estar atentos às moções boas e más que se dão em cada pessoa e no grupo.

Cada tempo de conversação espiritual é precedido por um longo tempo de oração pessoal. Para esta oração, distribui-se uma folha que contém pontos, especificando a matéria para rezar e sua relação com a matéria própria do discernimento: pedir luz, indiferença, reconhecer o pecado, a graça etc. A prática da conversação espiritual tem uma metodologia concreta, que se pode sintetizar em três rodadas ou momentos do grupo. Inicialmente, o grupo escolherá um moderador e um “guardião” do tempo. Em uma primeira rodada, cada pessoa pode compartilhar os frutos de sua oração. Aqui é onde se usava e se usa a pena de águia, para expressar que todos escutarão atentamente a quem está com a pena. Nesta primeira rodada, não há interação entre os participantes, exceto no caso de se necessitar de alguma explicação ou esclarecimento do que foi dito. Em seguida, se fará alguns minutos de reflexão em silêncio, em que cada participante pode perguntar-se como lhe impactou o que foi partilhado pelos outros: que ressonâncias afetivas eu encontro, que ideias me parecem novas, que consequências posso tirar etc.

A segunda rodada é mais parecida com uma conversação espontânea, compartilhando o que se refletiu e recebeu dos outros. Finalmente, a terceira rodada é uma conversação com o Senhor, à maneira de um colóquio de grupo. Os participantes, unidos em oração, dão graças pelos chamados — o que os moveu —, e, assim, pedem forças ou dão graças, segundo se sintam movidos. O exercício termina com uma pequena avaliação, à maneira de exame da oração, em que o grupo repassa os passos dados e como podem melhorar nos tempos seguintes de conversação espiritual [EE 77].

A atmosfera que cria a conversação espiritual tem seu equivalente no diálogo e no *Pressuposto* [EE 22] que se dá entre aquele que dá os Exercícios e aquele que os recebe. Quer dizer: um ambiente de mútua confiança, para salvar a proposição do próximo antes que para condená-la. No discernimento comunitário, cada um é quem discerne e cada um é quem ajuda os demais a encontrarem como o Espírito está movendo o grupo. É um modo de acompanhamento mútuo, no qual se exercita uma disposição de abertura ao outro e uma escuta ativa, sem juízos.

Os frutos da conversação espiritual são os exercícios e aprendizagem da escuta atenta. Um modo de escutar agradecido, sem prejuízos nem juízos posteriores, mas que presta atenção especial aos movimentos internos daquilo que o outro deseja compartilhar. Também obriga a aprender a falar de maneira clara e concisa, sem medo de

expressar os sentimentos mais profundos. Para isso, é imprescindível chegar à liberdade interior, pelo uso da palavra e pela ação da escuta. Uma liberdade que é necessária para a indiferença própria de todo discernimento. E isso se faz compartilhando aquilo que amplia ou restringe a liberdade de cada um. A conversação espiritual nos faz conscientes de que nem todos pensam e sentem como eu. Mas assim, cada pessoa pode constatar como o Espírito lhe convida, através das palavras do outro, a mover-se, a mudar, a considerar o ponto de vista do outro e, que pode até deixar de lado suas próprias perspectivas.

A conversação espiritual é um convite à conversão. Revela os próprios limites, os atalhos que cada um toma, os bloqueios diante do que o outro compartilha e as dificuldades de cada participante para abrir-se livremente ao Espírito. A experiência é que na solidão da oração, as perguntas e também as respostas podem-se construir individualmente, mas, em um grupo de irmãos iguais, é mais difícil que alguém se engane a si mesmo. Portanto, o fruto principal ao qual a conversação espiritual conduz é o agradecimento profundo a Deus através dos membros do grupo. Revela-nos que temos muito mais em comum do que inicialmente parecia, que a reconciliação é possível e que o conjunto do grupo é mais do que a simples soma dos membros.

A conversação espiritual pode vir a ser desordenada e difícil se cada um dos participantes não estiver profundamente comprometido em um processo que seja também de discernimento espiritual. Portanto, quando um grupo se lança na conversação espiritual, cada membro deve zelar por seu processo de reflexão e oração para colocar-se em sintonia com o Espírito. Isto implica que, previamente, deve-se entregar aos participantes toda a informação útil e necessária para o assunto que se quer discernir. Do mesmo modo que quando se trata de um assunto delicado em uma reunião, é muito conveniente deter-se, refletindo em silêncio por alguns minutos antes de se lançar a falar; a conversação espiritual pede previamente a oração pessoal. Quando nos lançamos precipitadamente a discutir um assunto importante para um grupo, sem pararmos para ponderá-lo individualmente, o resultado costuma ser que, ao invés de ganhar tempo, se perde tanto o tempo como a profundidade. Quanto mais complicado e importante seja um assunto para o grupo, mais tempo de silêncio e de oração faz-se necessário.

Para tratar em profundidade de um assunto, ESDAC tem especial cuidado com o material que é distribuído para a oração, que tem

como fundamento o esquema da oração nos Exercícios Espirituais. Cada folha para oração contém, de maneira muito sóbria, textos bíblicos ou textos inspiradores recolhidos de distintas tradições ou culturas. De início vem a composição de lugar, a graça que queremos alcançar, os pontos para a oração sobre o tema a ser tratado e um convite ao colóquio final. Os materiais e atividades deste convite seguem as quatro Semanas dos Exercícios Espirituais, acrescentando ou adaptando a cada Semana algumas propostas metodológicas que podem ajudar o grupo a alcançar o seu objetivo.

As Semanas dos Exercícios

Na Primeira Semana, é importante que cada um se sinta parte da graça recebida no grupo: sua identidade, sua vocação e sua participação na missão de Cristo. Cada pessoa e o grupo são convidados a “refletir” sobre seu Princípio e Fundamento” e, assim, vai se dando um processo a partir da oração pessoal à oração de pessoa corporativa. Aqui serão muito importantes as dinâmicas sobre a linha temporal do grupo e o ciclo de vida-morte-ressurreição para identificar o momento em que o grupo se encontra no presente e como, em sua própria história, há etapas de graça, pecado e conversão. Além disso, também é possível que nesta Primeira Semana se possa tratar juntos de questões como o poder, a liderança e a organização do próprio grupo. É interessante destacar que quando um grupo entra em uma dinâmica de discernimento, o faz levando consigo toda a bagagem das relações interpessoais, dos movimentos interiores, das histórias passadas e as consequências das decisões anteriores. As obscuridades e as feridas, assim como os momentos de graça e de confirmação estarão presentes na hora de discernir em comum e as dinâmicas estão focadas para dar nomes à história de cada grupo.

A linha temporal da vida de um grupo mostra ser um exercício muito revelador, que pode ajudar a ter uma visão de conjunto e ser um elemento catalizador da reconciliação dentro do grupo. Não se trata de unir dados objetivos externos, mas de que o próprio grupo vá fazendo sua própria linha temporal à memória de seus eventos significativos ou da instituição que o reúne. A seleção de eventos implica um processo de oração pessoal e de conversação espiritual, pedindo a graça de apreciar a ação de Deus e a de sua graça para que o grupo o possa seguir melhor. É uma forma de avaliação, mas,

ao mesmo tempo, pode servir para ver as necessidades do grupo ou suas prioridades, dentro de um período concreto.

Outro exercício que acompanha todo o processo de discernimento é o ciclo de vida-morte-ressurreição. Em sua base está o desejo de alcançar o conhecimento interno das dinâmicas de vida, de morte e de ressurreição que se dão no funcionamento de um grupo. Em uma explicação demasiado sucinta para o que esta dinâmica proporciona, trata-se de reconhecer as etapas pelas quais passa um grupo, desde os seus desejos fundacionais, seus mitos e aspirações primeiras, até a situação atual de discernimento, para vislumbrar a etapa futura. Mais do que um círculo fechado, a figura gráfica deste exercício deveria mostrar um movimento ondulatório: nele há uma ascendência, por meio da colocação em comum dos desejos iniciais, passando por diversas etapas da urdidura de seus objetivos, institucionalização, programação e gestão, entre outras; e há movimentos descendentes, que vêm pela avaliação e a dúvida aplicadas aos procedimentos, às ideologias ou à ética do grupo. Trata-se, assim, de tomar consciência do momento em que o grupo se encontra, não somente a partir de sua história (linha temporal) mas também a partir de sua vitalidade em um ciclo de vida, morte e ressurreição.

A Segunda Semana tem como centro o chamado do Rei Eterno. Aqui, ganha força a vida apostólica do grupo, o chamado original e os desejos de seguir o Senhor. Nela volta-se aos exercícios descritos anteriormente para ver o que está vivo no grupo, o que está morto e o que necessita ressuscitar. Neste momento o grupo se exercita como grupo nas meditações próprias da Segunda Semana: Encarnação, Duas Bandeiras, Três Binários (ou Três Tipos de Grupos) e as Contemplações da Vida de Cristo. E assim também aprende a formular e compartilhar as consolações e desolações que acontecem em grupo. O mesmo acontecerá na Terceira e na Quarta Semanas, mas aí centrando-se respectivamente nas vivências de morte e ressurreição dentro do grupo.

Os tempos de Eleição.

Quanto ao momento de eleição no discernimento comunitário, à maneira do individual, distinguem-se três tempos possíveis para se fazer uma boa e sã eleição [EE 169]. O Primeiro Tempo de eleição supõe para o grupo a mesma clareza e consenso que Inácio propõe

nos Exercícios [EE 175]. Assim, Deus pode mover a vontade de um grupo, de tal forma que não haja dúvida nem possam duvidar de qual é a Sua vontade. O Segundo Tempo é aquele que depende da experiência de discernimento dos dias anteriores: de como se experimentou os movimentos dos diversos espíritos, iluminando ou obscurecendo a experiência do grupo. Para descobri-lo, é necessário recapitular a conversação espiritual do grupo. Quando cada um fala sinceramente sobre o assunto que se quer discernir, o grupo vai descobrindo as moções e o resultado delas na reflexão do próprio grupo. Como uma pessoa corporativa, o grupo, por si mesmo, pode sentir que se move em uma ou outra direção. Pode haver momentos de lutas que podem ser árduos para os integrantes, mas, gradualmente, vão se encontrando e identificando as consolações e desolações, assim como a direção a que apontam.

No Terceiro Tempo de eleição, o grupo em seu conjunto está em situação de tranquilidade, ainda que nem todos os seus membros. Esta quietude ajuda a confrontar as distintas alternativas sobre a matéria que se quer discernir. Então, o melhor é usar a mesma metodologia de Santo Inácio, refletindo sobre as vantagens e benefícios possíveis e também sobre as desvantagens e riscos que se possa correr ao tomar uma decisão. No entanto, quando se trata de um grupo, os passos podem ser um pouco mais complexos do que quando se discerne individualmente. O grupo ISECP sintetizou sua proposta em sete passos para o discernimento comunitário⁴.

1. Uma atmosfera de grupo e uma atitude pessoal para explicar a fé. O grupo necessita ter plena consciência de sua fé, como condição básica para abrir o tempo de discernimento.
2. Disponibilidade para, na oração, pedir luz e reta intenção, antes, durante e depois. Os participantes necessitam do contato com o Senhor de forma individual e grupal no processo de discernimento. Esta atitude pede um cuidado e atenção maiores do que em outros momentos de oração meditativa ou contemplativa.
3. Liberdade interior, que vem da liberdade espiritual. Todos devem compreender e querer desprender-se de seus afetos desordenados e de suas ataduras.
4. Informação compartilhada e assimilada. O discernimento não inclui a necessidade de ter toda a informação concreta sobre as implicações do que se quer decidir. Nem toda matéria é apropriada para o discernimento em comum. Há

4. SCHEMEL, G. J.; ROEMER, J. A. "Communal Discernment". *Review for Religious* (nov/dic 1981) vol. 40 n. 6. Revisado em julho de 1992.

temas que são tão corriqueiros, que podem ser geridos no âmbito puramente administrativo e não devem entrar em discernimento. Mas aquilo que toca a identidade, a vocação e a missão do grupo, pode sim ser discernido à luz do Evangelho.

5. Formular a matéria do discernimento da maneira mais simples possível, de modo que se possa distinguir e separar as razões a favor e contra. Os que discernem deverão dedicar tempos distintos e declarar separadamente os prós e os contras da matéria da eleição.
6. Tentar alcançar o consenso. O grupo será convidado a declarar o grau de consenso que alcançou e os pontos em comum sobre os quais há desentendimento.
7. Confirmação, como consequência, a partir do interior e do exterior: o interior significa ter encontrado paz e alegria no Espírito; o exterior significa ver como o tempo afetará a decisão [EE 187] e verificar a congruência da decisão em relação às autoridades legítimas das quais o grupo depende.

No caso de que o grupo esteja articulado sob o voto de obediência da vida religiosa, pode ser de grande ajuda declarar inicialmente se a decisão é vinculante ou se é uma consulta não vinculante, que, ao final, depende da autoridade de um Superior para levar a termo a decisão. Obviamente, o discernimento costuma implicar na eleição entre duas coisas boas, o que supõe áreas que não se distinguem com facilidade, onde falta a clareza e a certeza sobre qual será a melhor opção. Nestes momentos, a figura do Superior pode ser de grande ajuda para terminar os processos de discernimento. Por outro lado, normalmente, ninguém quer ser o responsável último por fechar uma instituição, retirar uma subvenção, abrir um campo de apostolado conflitivo etc.... Assim, o apoio na oração que o discernimento comunitário supõe, se faz cada vez mais necessário para sentirmos que, inclusive em nossas inseguranças, estamos seguros nas mãos de Deus.

ESDAC, uma forma, entre outras, de discernir

Na história de cada grupo, haverá momentos em que se experimenta frustração. Todo grupo humano é suscetível de ficar imobilizado por prejuízos, projeções, lutas de poder, inclinações pessoais, manipulação e silêncios, que contaminam a interação do grupo. O

próprio grupo pode parecer o maior obstáculo para que os esforços e qualidades pessoais possam dar frutos, mas, em tempos de estruturas pessoais líquidas e de crescente individualismo, parece que a comunidade é o melhor espaço para a escuta de Deus. Ninguém tem os ouvidos suficientemente grandes para abarcar toda a riqueza daquilo que Deus tem para nos dizer. Assim, a redescoberta do discernimento comunitário aparece como uma alternativa à fragmentação pessoal e à estreiteza do olhar individual, para abrir-nos a novas possibilidades de coesão, amplitude, profundidade das opções ao nosso alcance na construção do Reino de Deus.

As ferramentas e recursos do discernimento comunitário propostos por ISECP e ESDAC bebem, principalmente, da fonte dos Exercícios Espirituais. Além disso, ao longo de anos de experiências, também beberam de outras fontes, próprias do mundo das organizações corporativas, de distintas escolas de psicologia e das correntes da Comunicação Não Violenta. Por exemplo, o grupo originário da América do Norte encontrou inspiração nos trabalhos do pedagogo brasileiro Paulo Freire e em suas intuições sobre a libertação por meio do diálogo. A formação dada por ESDAC, baseada sobretudo na aprendizagem prática, apoia-se também em alguns estudos sobre a inteligência coletiva e a sociocracia⁵.

ESDAC já vem aplicando a sua metodologia há mais de 25 anos, a centenas de grupos diferentes. A gama de possibilidades pode ir desde um dia de retiro para uma equipe paroquial até a um processo de três anos de discernimento para todas as comunidades de *A Arca* ao redor do mundo. A formação e suas equipes de trabalho estão se espalhando por vários países, evoluindo continuamente em seus métodos, mas com os mesmos fundamentos. Cada situação de cada grupo é única e pede um acompanhamento em equipe, que pode oferecer distintos meios, mas mantendo-se como um pêndulo centrado e deixando todo o poder nas mãos do grupo. ESDAC é simplesmente uma forma a mais de ajudar no discernimento comunitário, entre outras maneiras e escolas que a rica tradição inaciana oferece.

5. Para saber mais sobre ESDAC ver <www.esdac.net>.

1. Este é um dos Subsídios dados pela equipe de ESDAC para a experiência de discernimento na Assembleia Mundial da CVX. Cf. artigo nas páginas 71-78.

2. Para compreender o sentido da *pena* cf. p. 61 desta edição.

Para favorecer a escuta e a expressão em uma partilha.

A atitude principal é uma **escuta respeitosa e agradecida**.

Aquele que tem a *pena* em suas mãos não é interrompido².

Cada pessoa é uma **“expert de sua própria experiência”**.

Cada um fala por turno. Enquanto tem a *pena* em suas mãos, tem a palavra. Não o interrompemos. Compartilhe o que você pode. Não se entregue mais do que você deseja.

Tempos de **silêncio** são adequados e necessários.

Respeite o que é **confidencial**. Fora do grupo, não conte a ninguém o que se disse, a não ser com o consentimento da pessoa que falou.

Descreva sua experiência de maneira **breve e clara**. O pequeno grupo de partilha não é o lugar de fazer uma homilia, converter a outros a seu ponto de vista, impor a outros suas ideias favoritas.

Nem é o lugar para resolver **os problemas dos demais** ou levar-lhes socorro.

Fale em forma de “eu” e não de “as pessoas”. Fale em seu próprio nome.

O **guardião do tempo** zela para que, no tempo concedido, cada um tenha o tempo de expressar-se e para que o grupo faça, se possível, pelo menos as duas primeiras rodadas de partilha.

As três rodadas para partilhar

Primeira rodada. Cada um partilha por turno os frutos de sua oração que acaba de viver, eventualmente com a ajuda de notas tomadas na releitura. Durante esta primeira rodada, não reagimos ao que é compartilhado, a não ser para pedir algum esclarecimento.

Segunda rodada. Faça alguns momentos de reflexão silenciosa sobre a experiência comum que constitui a “primeira rodada” de partilha: O que me tocou? O que descobri de novo? Tenho alguma pergunta? Em seguida, partilhem, deixando espaço livre para as interações entre vocês. Ao terminar esta rodada, tratem de nomear o consenso que há atualmente entre vocês.

Terceira rodada. Quem deseja toma a palavra para dialogar com o Senhor, em relação ao que foi vivido e compartilhado.